

# BLUMENAU

em CADERNOS

TOMO III - Nº 3

MARÇO

1960

Sociedade Beneficiadora de Madeiras Ltda.

**COMPRA E VENDA DE MADEIRAS**

**PARA TODOS OS FINS**

**MADEIRAS PARA CONSTRUÇÕES**

**Telefone, 1248**

**Rua 7 de Setembro**

**BLUMENAU — Santa Catarina**

# **BLUMENAU**

## **em CADERNOS**

**Tomo III**

**MARÇO DE 1960**

**N.º 3**

### **Um Pequeno Frade faz uma Grande História**

Em 1875, em prosseguimento aos planos de colonização do governo imperial e à sábia orientação que lhes deu o dr. Blumenau no Vale do Itajaí, cêrca de uma centena de famílias de imigrantes trentinos foram localizados nos lotes medidos e demarcados, pouco havia, ao longo da picada que descia da confluência do rio dos Cedros com o Benedito, onde fôra designado local para a povoação de Timbó, e ia encontrar a estrada geral em Indaial.

O traçado dêsse caminho, em combinação com o que fôra rasgado à margem direita do último daqueles rios, formava um verdadeiro círculo, de onde, ao que parece, nasceu o nome dado à linha colonial: "Picada do Rodeio".

A adaptação dessas famílias aos seus lotes e às novas condições de vida, não se fez sem dificuldades muito sérias, que bastante dôres de cabeça deram ao fundador e diretor da colônia.

Colonos de índole diferente da dos alemães que se haviam instalado à margem direita do Itajaí e dos seus afluentes do norte, do Benedito para baixo, não conseguiram, os tirolêses, adaptar-se com a mesma resignação dos germânicos, à aspreza das condições em que deveriam iniciar a vida em sua nova pátria. Tinham que fabricar as próprias casas, dar começo às derrubadas, às plantações, partindo do estado primitivo, duramente agreste, em que recebiam as suas glebas, com a única benfeitoria do caminho aberto na mata virgem, servindo geralmente de linha divisória com os lotes dos seus vizinhos da frente, e uma irrisória diária em dinheiro, pouco menos que miserável.

Mas, apesar dos protestos, das "brontolates" e das "bestemias", em que eram pródigos, êsses tirolêses foram, aos poucos, se conformando com o novo sistema, tratando de criar condições de vida parecidas às da terra natal, adaptando ao novo ambiente, usos e costumes das províncias de onde procediam.

Como católicos tradicionais, tendo as práticas religiosas como absolutamente indispensáveis ao seu modo de viver, trataram, os novos imigrantes, de construir as suas capelinhas provisórias, nos lugares para êsse fim reservados pela direção da colônia, sempre ciosa em não relegar a plano inferior o bem-estar espiritual dos colonos, quer se tratasse de católicos, quer de protestantes, êstes em impressionante maioria. O vigário de Blumenau e padres de outras paróquias, iam, periódicamente, visitar essas capelas, junto às quais sempre se delimitava local para escola e cemitério.

Vencidos, assim, os tropeços iniciais, conformados os colonos com a sua nova vida, a "Picada do Rodeio" passou a ter existência tranqüila e monótona.

E teria continuado a ser, até os nossos dias, uma simples linha colonial, sem aspirações a chegar a algum dos degraus da escala político-administrativa, se ali não viesse estabelecer, nos fins do último século, o centro irradiador da sua admirável atividade apostolar, um frade de um metro e cinquenta e cinco centímetros de altura, dotado, porém, de gigantesca força de vontade e de energia e capacidade admiráveis.

Em um dia de setembro de 1891, no convento dos franciscanos de Padeborn, na Alemanha, estava toda a comunidade seráfica reunida para as despedidas da segunda turma de missionários que, da província franciscana germânica de Sta. Cruz, viria para Santa Catarina, para a residência de Teresópolis, próxima à capital do Estado, instalada no princípio do mesmo ano, por frei Amando Bahlmann que, com mais dois sacerdotes e dois irmãos leigos, deu início à maravilhosa obra franciscana no sul de Brasil. A cerimônia foi tocante. A turma compunha-se de quatro jovens sacerdotes e outros tantos irmãos leigos, alvo das homenagens, das simpatias e dos bons augúrios da numerosa coorte de padres, de leigos, de seminaristas que compunham a população do célebre convento. O provincial, frei Gregório Janknecht, que podia se orgulhar de ter sido o iniciador do movimento que daria nova vida à Ordem no Brasil, faz um comovido sermão de despedida. E, perorando com voz trêmula de emoção, exclama: "Levais, convosco, para o Brasil, o meu coração"!



Vista parcial da cidade de Rodeio, sede de um dos mais ricos e prósperos municípios do Vale do Itajaí. Grande produtor de arroz, fumo e outros cereais, representa a sua produção agrícola parte bem ponderável da riqueza do Estado. Vê-se, ao centro, o prédio da prefeitura municipal e, ao fundo, extensos arrozais que cobrem, também, grande parte do território do município. Frei Lucínio, de quem se trata neste artigo, foi, sem dúvida, o maior propulsor do progresso material e cultural da vasta zona povoada pelos elementos de origem italiana. Foi o introdu-

tor de várias culturas, que trouxeram ao município enorme prosperidade. Devemos as fotos que ilustram este artigo ao sr. Georg Schütz Junior, prefeito municipal, a quem agradecemos a gentileza.

Entre os quatro padres que, dias depois, deixariam a sua pátria, a sua família, tudo quanto de caro possuíam, estava o nosso frade de um metro e cinquenta e cinco centímetros, e que se chamava frei Lucínio Korte. Os outros três sacerdotes, que não desempenharam papel menos importante na vida social, política e religiosa do nosso Estado, eram frei Zeno, frei Herculano e frei Rogério e os irmãos leigos Quintiliano, Mariano, Germano e Patricio.

Lucínio havia recebido as ordens sacerdotais a 22 de novembro anterior e contava, então, vinte e quatro anos de idade, pois nascera em Erwitte, cidade da Westfália, a 1.º de julho de 1866. Tendo abraçado a vida religiosa com o entusiasmo do verdadeiro crente e o espírito do verdadeiro apóstolo, regozijou-se com os designios da Providência que o encaminhava para uma tarefa grata ao seu coração. Desde que, em 1884, quando terminara a sexta série do ginásio de Padeborn, um dos seus colegas o convidara para imitarem, juntos, o exemplo de outro contemporâneo de curso, que vestira o hábito de São Francisco, sentira-se, como depois registraria no seu diário, "calmo e feliz" e deixara-se levar pela inspiração divina, sem relutâncias nem oposições.

Mais tarde, quando iniciava o seu apostolado em Rodeio, pôde compreender como a mão de Deus o guiara para aquele destino. Pois não fôra, porventura, para facilitar-lhe a tarefa futura, entre gente de língua e costumes diferentes dos seus, que depois de feito diácono, com outros oito colegas, em agosto de 1889, mandaram-no os superiores para o convento de Santo Isidoro, em Roma, onde continuou os estudos teológicos e, nos intervalos das aulas, fazia visi-

tas às bibliotecas, museus, às basílicas de São Pedro e de São João de Latrão, excursionando a pé para conhecer a língua, os usos e os costumes dos italianos, a situação os operários, o regime de trabalho nos campos e nas fábricas, medir a profundidade dos sentimentos religiosos de um povo, uma parcela do qual ele iria orientar do outro lado do Atlântico, e ajudá-lo a construir a grandeza de uma comuna que concorreria, com magnífico contingente, para o engrandecimento da pátria que a abrigara e para a glória da religião que a inspirara?

Fervilhavam-lhe ainda no coração, as emoções que experimentara ao cantar a sua primeira missa solene, nas vésperas daquele natal de 1890, depois do regresso a Padeborn e ao abençoar os pais e amigos presentes, quando, na mesma noite da solene despedida, tomou, com os seus companheiros, o trem para Hamburgo e, ali, um vaporzinho fluvial que os conduziu, a todos, para bordo do "Santos", transatlântico em que fizeram a viagem ao Brasil. Menos de um mês de travessia e estavam à vista das costas brasileiras. As 13 horas do dia 6 de



Vista da bela matriz de Rodeio, construída por Frei Lucínio. Em exemplar união, os colonos concorreram com o possível para o acabamento dessa obra. Os senhores Scoz e Raiser montaram uma olaria para esse fim. Deu-se começo ao lançamento dos fundamentos em 11 de outubro de 1897. Seis pedreiros e sete serventes trabalharam ininterruptamente. A bênção solene da matriz e do convento anexo realizou-se no domingo, 4 de junho de 1899. Frei Herculano celebrou a missa solene. Frei Lucínio presidiu as cerimônias da sagração do templo. Frei Manolfo fez

o sermão em italiano e frei Daniel Leppich pregou em português e polonês. Frei Pedro Sinzig, levou de Blumenau a conhecida banda de música do Colégio Seráfico. O povo superlotava a nova matriz. À noitinha houve COMPLECTÓRIO e TEDEUM e, por fim, artística iluminação da nova igreja, dedicada a São Francisco de Assis. Ao lado da matriz elevam-se o convento e noviciado dos frades menores.

dezembro, penetram a baía da Guanabara. Estava de partida para o sul o navio "Rio Paraná". Sem tempo para visitarem a capital do país, transferiram-se os oito religiosos para essa embarcação que, com escala em Santos e Paranguá, chegou à velha Destêro a 12 de dezembro. Era cedo e dirigiram-se todos à matriz, onde os padres celebraram missa de ação de graças e onde também os foram encontrar os colonos almeães, idos de Teresópolis para escoltá-los até a nova residência. Na capital do Estado, serviu-lhes de guia e cicerone o senhor Brueggmann, natural também da Vestfália, tronco de tradicional família ainda ali radicada.

Um lanchão transportou-os depois à Palhoça de onde, no dia seguinte, frades e colonos, bem montados em burros de tropa, alegres e esperançosos, iniciaram a marcha de oito horas bem puxadas até as montanhas de Teresópolis.

Os que têm uma idéia aproximada do que era o Estado, nos começos do século, podem bem imaginar o que passaram aquêles e outros frades, acostumados em um país onde havia comodidade e abundância de transportes, relativo conforto nas aldeias e cidades, vias de comunicação bem cuidadas, no novo campo de ação onde tudo mal saía da sua rudeza primitiva. Para a sensibilidade de almas como a de Lucínio, entretanto, dedicadas ao trabalho transcendental, a agressividade do ambiente era suplantada pela sua beleza e magnificência, os estorvos pelo ânimo de progredir sempre mais na conquista de almas para o rebanho do Senhor.

Nos episódios — que foram freqüentes — em que êle teve de vencer naturais repugnâncias e superar dificuldades ingentes para cumprir os deveres do seu ministério, êle não via, senão, o lado sublime das coisas. Como exultava, por exemplo, o seu grande coração, quando com o viático pendente do peito, revestido de sobrepeliz e estola, levava o último conforto a algum moribundo que, de distâncias enormes, lhe mandava piedoso e fervente apêlo. Ele não considerava o lodaçal das picadas, a agressividade do terreno, o cansaço de horas e horas de trotar incômodo em lombo de burro, privado de bebida e de alimento. Exultava, antes, com o espetáculo enternecedor da meia dúzia, ou mais, daqueles colonos de almas simples e boas, que, deixando o trabalho, o aconchêgo da espôsa e dos filhos, aprestavam-se, pressurosos, para acompanhar o padre na tarefa caridosa de atender aos derradeiros instantes de um cristão que partia para a eternidade. A contemplação do pequeno cortêjo que o acompanhava, rezando e cantando em voz alta, ao compasso do trotar das alimárias, em fila indiana pela picada estreita e suja, tendo à frente o colono que tocava a campainha para que, quantos lhe ouvissem o som triste, de mistura com o pipilar da passada espavorida, caissem de joelhos, adorando o seu Deus e orando pela alma chamada ao seu seio, fazia-o esquecer todos os incômodos e sofrimentos de uma jornada, muitas vêzes sob chuva fria e impertinente, transpondo rios por vaus escorregadios e traiçoeiros, para se comprazer na missão divina de que fôra investido.

Aquela outra conformação de apóstolo, que foi o padre Topp, cuja vida em Santa Catarina, em Destêrro, principalmente, deixou uma esteira de bênçãos e de luz, já se via a braços com dificuldades sem conta para atender a tôda a paróquia de Tubarão, sob seu pastoreio, e cujos confins compreendiam agrupamentos de italianos, em colônias recém-fundadas. Até lá se foi frei Lucínio para ajudá-lo.

No entretanto, o superior da missão franciscana entrava em entendimentos com o vigário de Blumenau, o padre José Maria Jacobs, mais alquebrado pelas amarguras e pelos sofrimentos, do que pelos anos, no sentido de ficar com a vasta e trabalhosa paróquia a seu cargo.

No domingo, 5 de março de 1892, frei Zeno e frei Lucínio puzeram-se em marcha por Alferes (Nova Trento), Brusque e Gaspar, chegando a Blumenau três dias depois, aí dando começo a uma série de missões, bastante prejudicadas pelas chuvas contínuas.

A notícia da chegada dos missionários franciscanos a Blumenau alegrou a todos os agrupamentos católicos da colônia, desejosos de os terem, também, pregando nas respectivas capelas. Indaial ainda não tinha o seu templo, mas, dois quilômetros para cima, em Rio Morto, fôra, em 1876, inaugurada a capela de São Francisco Xavier, pelo jesuíta João Maria Cybeo, a quem se pode bem aplicar o cognome de "padre andarilho", ou "padre cometa", pois, na ânsia de não deixar cristão algum em Santa Catarina sem os socorros da religião, ia-os levar até os mais recônditos sertões, visitando, periódicamente, as mais longínquas capelas e os mais distanciados católicos. Ali, em Rio Morto, realizaram os franciscanos a primeira missão com 200 comunhões e 103 crismas.

Chegaram, na noite de 15 de março, emissários da Picada de Rodeio, onde já os colonos haviam levantado uma capela de madeira, suficientemente espaçosa, dedicada à "Vergine Addolorata" e onde já haviam, como bons descendentes da região dos Apeninos, se agrupado em coros para darem maior brilhantismo às solenidades religiosas, nas periódicas visitas de sacerdotes itinerantes, ou nas rezas e novenas de que, na ausência dêstes, se encarregavam colonos mais credenciados, entre os quais se sobressaía sempre a figura, por muitos títulos destacada, de Valentim Fruet.

Apesar da chuva que caía, o povo aguardava a chegada dos frades, conduzindo-os em procissão até a modesta capela, ao som de vivas, de cânticos e de trechos de música. Foi essa a mais solene e entusiástica das recepções feitas aos missionários durante tôda a temporada pelo interior da colônia, temporada, aliás, triunfal, pois, por onde quer que passassem, ou se demorassem, a pregar missões, frei Lucínio e seu companheiro eram alvo do mais honroso, espontâneo e alegre acolhimento. Assim na capela de São Virgílio, na de São Paulo, em Ascurra, na de São José, em Guaricanas, até na dos confins da colônia, a de

Santa'Ana de Aquidaban, onde acabava a zona povoada e começava a mata virgem, domínio, ainda, do selvagem botocudo. Por toda a parte comunhões e crismas em número consolador.

Entretantes, ultimam-se as providências para a transferência da paróquia de Blumenau aos novos religiosos e, depois de uma ligeira visita a Tereópólis, para se despedirem dos seus confrades e paroquianos, frei Zeno e frei Lucínio voltam a Blumenau, o primeiro como vigário e o segundo como seu coadjutor, encarregado da cura das capelas do interior.

A visita a Rodeio, impressionara o ânimo do pequeno frade. Quê não se poderia fazer numa linha colonial de terras ricas e de um povo bom, trabalhador, profundamente crente, em prol desses colonos e do triunfo da religião? E a mente do ativo sacerdote começou a arquitetar planos e a traçar diretrizes para organizar a vida comunal daquela gente, dar-lhe um sentido prático que, ao mesmo tempo que redundasse no enriquecimento individual e do próprio agrupamento, criasse facilidades para as práticas assíduas da religião, brilhantismo do culto e o máximo rendimento da seara de Cristo. Voltando a visitar as várias capelas, tratou da fundação das associações religiosas, das comunidades escolares, da criação de escolas paroquiais, sendo a primeira instalada em Aquidaban, sob a regência de Giacomo Fávero, colono que, além de regular cultura intelectual, gozava da estima e do respeito de todos.

Os rodeienses passaram a insistir com mais vigor para que os franciscanos ficassem entre eles, instalando uma residência junto à capela da Adolorata. Para tanto, concretizaram invejável união de esforços, postos de lado todos os interesses secundários e, medido a 7 de julho de 1892, o terreno em que se levantaria o convento e a matriz, deu-se começo às providências para a realização do grande anseio daquele povo tão crente quanto laborioso. A fundação de uma escola paroquial foi, naturalmente, das primeiras iniciativas em que também se pensou. E a construção da nova residência foi planejada de modo a abrigar a nova capela provisória, o domicílio dos frades e a sala para aulas. E enquanto os colonos prosseguiam nas obras da construção do prédio, ainda hoje existente, um pouco abaixo da imponente matriz, sob a direção do mestre Josué Fiamoncini, frei Lucínio desenvolvia intensa atividade por toda a zona de colonização italiana, ultrapassando esta para chegar a Jaraguá, onde os colonos húngaros abriam a primeira picada e pela primeira vez eram ali visitados por um sacerdote católico, voltando a Blumenau, depois de semanas inteiras no lombo de excelente cavalo, que adquirira por 66\$000 de Henrique Reuter, prestativo colono residente em Rio Morto e que muito o auxiliou nessas andanças. Numa dessas excursões apostólicas, vai até Lontras, onde ainda raríssimos moradores viviam sob constantes ameaças do aborígene vingativo. Nesse lugar, que fôra acampamento provisório dos operários ocupados na abertura da estrada para Curitiba, havia se estabelecido Francisco Frankenberger, homem de algumas posses e de barbas respeitáveis, que ali construiu sua casa. Frei Lucínio, em companhia do professor Carlos Kraemer, aparece a 30 de novembro desse mesmo 1892, na residência ainda mal acabada de Frankenberger, coberta de sapé, e ali celebrou missa em altar adrede preparado e que, por muitos anos seguidos, serviu para uso dos missionários itinerantes, até que surgisse a primeira capela, em 1907, dedicada a São Sebastião. Aproveitou sua ida a Lontras para ir mais para cima, até onde surgiria, anos depois, a atual e próspera cidade de Rio do Sul. Ali encontrou, fazendo o serviço da balsa, entre uma e outra margem do rio, o velho Basílio, que se estabelecera com a família bem numerosa.

Deslumbrado com o panorama magnífico, com a magestade das florestas e a fertilidade espantosa das terras, frei Lucínio teve oportunidade de externar ao seu hospedeiro, o presentimento que o assaltara, de que aquilo, um dia, seria transformado numa grande colônia, num grande centro urbano, com o que o velho Basílio exultou e, dando mostras de seu grande contentamento, mandou que seus filhos, hábeis canoeiros, levassem num passeio, rio acima, o primeiro franciscano que ali aparecera.

Afinal aprontou-se a nova residência de Rodeio, a capela no andar térreo, a escola no sobrado e o conventinho nos fundos. E chegou o domingo, 16 de abril de 1893, quando frei Lucínio oficiou a última missa que se celebrou na velha capela da Addolorata. Caíam-lhe as lágrimas quando dirigiu palavras

alusivas aos colonos presentes que, depois, em solene procissão, quiseram acompanhar o Santíssimo até a nova capela, no que, entretanto, foram impedidos pela chuva que desabara. Procedeu-se à bênção, dias antes, das novas instalações, com as solenidades do ritual e foi, na nova capela, celebrada por frei Lucínio, acolitado por frei Xisto e frei Cláudio, a primeira missa solene, em que se destacou o grupo de cantores, sob a batuta de frei Germano e a banda de música de Rio dos Cedros. À noite queimaram-se fogos fabricados por colonos entendidos. Foi esse, sem dúvida, um dia memorável, porque marcou o início de uma era de progresso, de engrandecimento para toda a vastíssima zona de colonização italiana de Blumenau e para todo o município, quer no que se refere à situação econômica, seja no tocante ao adiantamento moral e cultural.

Já no dia seguinte, 17, começaram as aulas da escola paroquial com 75 alunos e dois professores, o sr. Campestrini e frei Germano. Frei Lucínio, instalado na sua cela pobre, mas que ele ia, dia a dia, melhorando, improvisando mesas e estantes com tábuas reaproveitadas de caixas, deu início a uma obra que lhe imortalizaria o nome e o gravaria no coração de quantos tiveram a ventura de conhecê-lo.

Em 1894, porém, foi removido para a Bahia, e cujo convento teve de permanecer até o ano seguinte, lecionando e vivendo uma vida conventual mais adstrita às regras da Ordem.

Já em fevereiro, entretanto, estava de volta a Blumenau e, a 5 do mesmo mês, metido no carro que pertencera ao padre Jacobs, seguiu para Rodeio, em companhia de frei Teobaldo e do irmão Tobias que, com ele, iriam formar a pequena comunidade franciscana, agora residência oficialmente reconhecida. As expressões de satisfação com que os receberam os rodeienses, foram indiscutíveis. Tinham novamente, consigo, o seu grande amigo e protetor, em quem depositavam confiança absoluta e foi com visível alegria e incontido entusiasmo que responderam afirmativamente aos apêlos feitos, logo de chegada, para que se metesse mãos à obra de construção de uma sacristia, capela do Santíssimo, refeitório e cozinha para a nova comunidade. No Domingo de Ramos, 7 de abril, a nova ala estava terminada. E nesse mesmo mês e ano, a 27, outro fato de importância veio se entrosar na vida social e religiosa da colônia. Deu-se, na ocasião, a chegada das primeiras Irmãs da Divina Providência, para fundarem também a sua residência e que, no decorrer dos anos, tanto contribuiu para o bem-estar da população. Elas, as abnegadas freiras, não se limitaram à prática do magistério primário, ao ensino da religião e às demais funções decorrentes da sua missão; cuidavam dos enfermos, distribuíam medicamentos, auxiliavam, no que podiam, os colonos nas suas necessidades temporais e espirituais.

Por esse tempo, também o Colégio Seráfico de Olinda, Pernambuco, se transferia para Blumenau, onde eram recebidos os seus mestres e alunos com grandes festejos e enorme alegria da população católica que lhes foi levar as boas-vindas ao som de música e foguetório. Tal fato não seria estranho à história de Rodeio, pois, dezenas e dezenas de seus filhos passaram, pelos anos a fora, a freqüentar aquele colégio, chegando muitos deles às honras do sacerdócio.

A residência franciscana de Rodeio hospedou, por aquele tempo, vários franciscanos que, depois, tiveram destacada atuação na vida do país, como frei Solano Schmitt, frei Gabriel Kramer, um temperamento que conseguia contornar, com imperturbável serenidade, as mais difíceis situações e cujas práticas podiam ser feitas, magistralmente, nas quatro línguas que dominava: o português, o alemão, o italiano e o polonês; frei Floriano; o visitador e antigo provincial da Saxônia, frei Gregório Janknecht e até o bispo diocesano, dom José de Camargo Barros, que ali esteve em metade de outubro. A administração eclesiástica da colônia, continuava ainda dependente de Blumenau, tendo sido, porém, elevada a curato independente em 1913, quando já se havia construído nova e espaçosa casa para o convento, a que a residência fôra alçada, e a magnífica matriz de São Francisco de Assis, consagrada em 1899 (4 de junho).

Frei Lucínio estava sempre à frente dessas iniciativas, quer como vigário do vasto curato, que abrangia todas as linhas coloniais ocupadas por imigrantes italianos, desde Rodeio, Ascurra, Cedros, Guaricanas, Aquidaban aos confins de Jaraguá e de Subida até aos limites de Curitiba, quer, também, como

superior do convento. Neste, foi instalado o noviciado da província, por onde passaram e passam ainda muitas centenas de candidatos à vida conventual. Em 1911, por motivos de ordem administrativa, esse noviciado foi transferido para Curitiba, mas, já em maio do ano seguinte, voltou a funcionar em Rodeio, onde até hoje se encontra.

Se, como vimos, a atividade religiosa de frei Lucínio, em Rodeio, foi extraordinária, não o foi menos o seu interesse pelo engrandecimento material, político e econômico das várias circunscrições em que se desdobra a região colonizada pelos italianos e seus descendentes. Como se sabe, no criterioso sistema adotado pelo Dr. Blumenau, no povoamento do vasto território da sua colônia, incluía-se a praxe de deixar medidos e reservados, pequenos lotes para igreja, escola e cemitério, de dez em dez quilômetros, mais ou menos, ao longo das picadas que iam sendo abertas. Os colonos que se instalavam nos lotes mais próximos a esses pontos escolhidos, designados, nos mapas, como "lugar da povoação", e a que era dado um nome que depois se estendia por toda a linha, formavam pequenas comunidades, transformadas, no decorrer dos anos, em vilas e cidades, como as várias dezenas, ou centenas, espalhadas por toda a bacia do Itajaí. A cada uma das comunidades desse gênero, compreendida nos limites da paróquia de Rodeio, frei Lucínio dedicou especial carinho, já no que se referia à construção das capelas, escolas e cemitérios, como no tocante ao próprio enriquecimento da região, pelo aperfeiçoamento dos métodos de cultivo da terra, pela escolha dos gêneros melhor adaptáveis a ela, pela instalação de ofícios, indústrias etc. E se, no campo religioso, resultados animadores consagraram-lhe a obra a ponto de, já em 1911, a 5 de janeiro, dois dos descendentes de colonos rodeienses, Justino Girardi e Norberto Tambosi, abriram a lista dos que, nos anos seguintes, vieram cantar, na bela matriz da sua terra natal, a primeira missa solene, como sacerdotes franciscanos, ou de outras congregações, foi também do máximo significado e importância incontestável, o que ele conseguiu em outros setores das atividades comunais.

Pode-se afirmar, sem receio de controvérsias, que foi frei Lucínio quem elevou Rodeio ao grau de prosperidade e cultura que lhe valeu a elevação a distrito de paz, em 1919, e conquistou-lhe, mais tarde, um lugar entre os mais ricos e prósperos municípios de Santa Catarina.

Fundando sociedades de música, de canto e de esportes; organismos destinados ao fomento e à defesa da produção agrícola; de estímulo ao cooperativismo; de proteção ao colono, por parte das autoridades administrativas e judiciárias, elevou toda a região a um conceito tal, que obrigava os responsáveis pela administração pública a ouvi-la, antes de tomarem qualquer deliberação, em leis e regulamentos, e a admitirem representantes rodeienses e de outras circunscrições de origem italiana na câmara municipal.

Em 1904, fundou um semanário "L'Amico", em língua italiana, que foi largamente difundido por todo o interior do município e através do qual mantinha os colonos ao par das suas idéias pelo engrandecimento da coletividade. Esse jornal, publicado regularmente até 1916, foi um denodado defensor dos colonos rodeienses; um veículo de extraordinária eficiência na difusão das boas idéias, dos ensinamentos práticos. Nêle, além de frei Lucínio e de outros sacerdotes, colaboravam, assiduamente, alguns colonos dotados de apreciável cultura intelectual, como Giuseppe Zanluca, que também era o compositor e impressor, Trentini e outros.

Sem dúvida alguma, esse frade de pequena estatura fez uma das maiores histórias do período da colonização e povoamento de Santa Catarina. E os rodeienses nunca deverão se esquecer disso!



**A** 3 de março de 1842, nascia em Hartha bei Waldheim, na Alemanha, o sr. Bruno Hering que, em 1880, emigrou para Blumenau oned, com seu irmão Hermann, fundou a fábrica de tecidos "Gebrüder Hering", hoje um dos maiores estabelecimentos industriais do país, sob a razão de "Indústria Têxtil Companhia Hering".

# OS ÍNDIOS DA BACIA DO ITAJAÍ

Relatório apresentado pelo Chefe dos "Batedores de Mato",  
Frederico Deeke, em 1877, à Direção da Colônia.

"À Direção da Colônia Blumenau

Relativamente à viagem que, autorizado pela direção da colônia, empreendi à província do Paraná com o fim de encontrar um intérprete do idioma indígena, permito-me fazer as seguintes comunicações: Segui, primeiramente, para a colônia São Bento, indagando dos brasileiros residentes nas proximidades e, também, de gente conhecedora do caminho que segue de Encruzilhada para Curitiba, que, entretanto, me asseguraram que eu não encontraria, nas redondezas, ninguém capacitado e que talvez fôsse obrigado a seguir até Guarapuava, além dos Campos de Palmas, para achar um coroado dos lá aldeados. Dali segui para Rio Negro, indaguei em Avenal, onde moram velhos colonos alemães, entre os quais João Clemente Sauer teve contato, no ano passado, e por mais de uma vez conversou com os botocudos e a quem eu desejava pedir conselhos. O mesmo me indicou um certo Jeremias André, morador nas vizinhanças de São Lourenço, assegurando-me que êsse homem permanecera quatro anos entre os coroados, cuja língua falava bem, e que entendia alguma cousa do idioma dos botocudos, a qual êle teria aprendido de crianças botocudas, que os coroados haviam aprisionado. Depois que, em virtude das minhas indagações em Rio Negro e nas imediações, eu me convenci de que, nesta província não encontraria ninguém perfeitamente habilitado na língua dos botocudos, visto como êstes não têm, absolutamente, contato com a população, apesar de existirem, nas proximidades, alguns botocudos que, há muitos anos, foram capturados ainda crianças. Mas êstes quase nada se recordavam da sua língua e, ademais, tinham verdadeiro pavor dos seus selvagens ancestrais, que por coisa alguma, entrariam no mato para servirem como intérpretes. Se fôsse fácil encontrar-se um intérprete para os botocudos, certamente teria um o Lopes, encarregado pelo governo do Paraná de pacificar os botocudos e que mora em Papanduva, nas imediações do Itajaí do Norte. Êle tem consigo apenas um coroado. Procurei, então o Jeremias André, que me fôra recomendado, e lhe propus emprêgo na Colônia Blumenau por um ano, sob as condições estabelecidas pela direção. No planalto predomina a opinião de que os índios que habitam o território a leste do caminho para Curitiba, pertencem ao ramo dos botocudos e os de oeste ao dos coroados, fazendo êstes, entretanto, incursões hostis no território daqueles, assim como os botocudos incursionavam pelo território dos coroados e desconfia-se que muitos dos assaltos que se verificaram no litoral, foram praticados pelos coroados; êstes manifestaram, em Curitiba, terem conhecimento das patrulhas que vigiam a colônia Blumenau e, por isso, não deviam descer até ela. João Clemente Sauer, a quem, no ano passado, e por várias vêzes, três botocudos visitaram na roça, contou-me que êles lhe teriam dito que moravam num grande descampado, ao sopé de um alto morro, que se supõe seja o Taió, ao sul do Rio Negro; que êles também fazem plantações e que o seu pai, o cacique, era um homem branco, que tinha árvores frutíferas e a sua casa era como as nossas, e não

suportava que êles roubassem de outra gente e quando êles lhe aparciam com coisas roubadas, as fazia devolver e que os que lá irrompiam, eram alguns dos bugres mansos, e êles, os botocudos, tiveram que sofrer as consequências; quietos nos seus ranchos, e sem culpa, foram êles atacados. É fora de dúvida que alguns dêles tivessem saído para tomar parte em ataques. Aquêles que, há pouco, tomaram parte num ataque em Dona Franciscã, foram sete dos seus homens, mas, no regresso, foram queimados por ordem do chefe. Êle, o botocudo, fôra encarregado por seu pai para procurar um homem da nossa gente, mas, tentando fazê-lo, por duas vêzes, fôra escorraçado. O pouco de português que êle entendia, fôra aprendido em cerca de três anos e nas oportunidades em que conseguira, sorrateiramente, aproximar-se, à noite, das nossas casas e paióis, trazendo sempre consigo carne para os cachorros, a fim de que êstes o não traissem. Quando o botocudo voltou pela segunda vez, êle quiz dar a João Clemente um recado de seu pai, faltaram-lhe, porém, as palavras e português e êle não pôde transmiti-lo. Êle pediu, entretanto, a João Clemente, que o acompanhasse, porque o seu pai era velho e não podia chegar até êle. Tendo João Clemente o convidado para que chegasse até sua casa e ali ficasse, negou-se a atendê-lo. O lugar em que êles moravam, seria, também, conhecido de outros e se chamava **Pa-i-Kerée**. Êles chamavam-se a si mesmos, ou eram pelos coroados denominados "Jochlém", em virtude do botoque que traziam no lábio inferior. Êles seriam, em **Pa-i-kerée**, em grande número, aproximadamente 2.000 e não seria aconselhável a estranhos aproximarem-se dos seus alojamentos. Êles, também, no ano passado, mandaram dizer ao Lopes, por intermédio de João Clemente, que êle poderia chegar a **Pa-i-kerée** se êle quisesse alguma coisa com êles; entretanto, até agora, não tinha atendido. Entre a gente do planalto, existe espalhada a crença de que os índios possuem nos seus alojamentos, muitos tesouros em prata, ouro e diamantes. Muita gente tentou obter, do govêrno, licença para atacar e acabar com os botocudos, provàvelmente na esperança de uma boa prêsa. Êles, entretanto, asseguraram a João Clemente, que nada os obrigaria a deixar o mato e a serem amansados pelo Lopes, e mesmo que cortassem a cabeça de todos, as suas carcassas continuariam lutando, porque a terra lhes pertencia. Apesar de tudo, ao que se pode deduzir de tôda a sua conversa, que não seria impossível um entendimento amigável, principalmente agora, que êles estão apertados por todos os lados. Eu sou de opinião que deveríamos tentar, com o auxílio de um intérprete, chegarmos até os lugares mais próximos de onde êles atualmente se encontram e com êles entrar em conversações. Se isso não desse resultado, deveríamos, então, ir mais longe, até os lugares em que moram e, no caso em que êles fugissem de medo, deixar em todos êsses lugares presentes que demonstrassem as nossas pacíficas intenções. No caso que os índios sejam mesmo botocudos e não cheguem às boas por intermédio do Jeremias, tomando-o como inimigo, visto como êle fala, principalmente, a língua dos coroados, não restaria outra solução às autoridades, senão procurar por todo o planalto os botocudos anteriormente capturados e aprender dêles o que fôsse possível da língua.

Colônia Blumenau, 24 de julho de 1877

Frederico Deeke.

# HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DA PENHA

MARCOS KONDER

O ilustre historiador J. Ferreira da Silva escreveu um folheto sôbre a criação do município da Penha, o qual contém dados muito interessantes.

Na minha monografia apresentada ao Congresso das Municipalidades, em 29 de Setembro de 1927, no capítulo sôbre **Ilhas e Praias** eu mencionei o seguinte:

“Caminhando-se para o norte, transpostas a extensa praia de Itajaí e as pontas Negra e de Itapocorói, chegamos à enseada da Armação, célebre pelas pescas de baleia em tempos remotos e considerada, sem favor, uma das mais belas praias do Sul do Brasil. O Visconde de Taunay a descreveu em formosas páginas do seu livro “Céus e Terras do Brasil”. A baía, um excelente abrigo para os navegantes, é constituída pela ponta da Armação ao Sul, e pelas pontas da Penha e da Cruz ao Norte. Entre êstes promontórios flutua, já no mar alto, uma ilha de pequenas dimensões, mas de aspecto exterior agradável, injustamente qualificada de Feia. Mais ao norte, além das pontas da Penha, situam-se os sacos da Penha e das Piçarras com as suas respectivas praias e as Itacolomi, dois rochedos gêmeos e inhóspitos que ficam também fóra de pontas e quebram a monotonia do mar naquelas paragens.”

Sêbre a matriz do distrito de Itapocorói, diz Ferreira da Silva que “era visitada com freqüência pelos vigários da Vara de São Francisco, pelos de Itajaí, padre João Rodrigues de Almeida, Francisco Hernandez e outros”.

O vigário de Itajaí eu ainda conheci quando garôto. Era português e, por falta de dentista na nossa terra, naquele tempo, extraía dentes dos seus paroquianos e seus filhos. Foi o que sucedeu comigo. Deitou-me a cabeça no colo de uma mulata, sua empregada, extraíndo-me um dente cariado com um instrumento, que eu intitulava de **sacarrolha**. Como político, o padre era maragato e diziam ter sido o insuflador do incêndio da ponte de Canhanduba, na estrada de Brusque. Ainda conheci um irmão dêle, Antônio, que morava no Morro do Boi em Itapema. Mais tarde, o padre Almeida foi transferido para o Rio de Janeiro e freguesia de Santa Rita, onde faleceu.

**Dados econômicos.** Afóra o Gravatá, onde ainda planta-se alguma cousa, na Penha cuida-se exclusivamente da pesca. Duas grandes firmas — Krause e Hemmer — estabeleceram salgadeiras exclusivamente de camarões, dando, assim, trabalho aos pescadores de terra e de mar. Desapareceram as lanchas e botes à vela e remo para dar lugar a embarcações a motor. Todos ganham dinheiro e muitos pesqueiros motorizados são até milionários.

## “Blumenau em Cadernos”

MENSARIO DEDICADO A HISTÓRIA E AOS INTERESSES  
DO VALE DO ITAJAÍ

Assinatura (12 números) . . . . . Cr\$ 120,00

Número avulso . . . . . Cr\$ 15,00

Administração e responsabilidade de LUIZ FERREIRA DA SILVA.

Tôda correspondência deverá ser dirigida a  
Caixa Postal, 425

BLUMENAU — S. CATARINA

## 8.º - FRANCISCO FAUST (1892)



Vimos que Guilherme Engelke, a 28 de maio de 1892, passou o cargo de presidente da Intendência Municipal ao seu colega Francisco Faust, o qual ocupou o posto até 14 de novembro do mesmo ano, ou seja por cinco meses e meio.

O ambiente político de Blumenau, em consequência dos acontecimentos que congestionavam a vida de todo o país, era de franca ebulição. Os federalistas, a cujo partido Faust pertencia, sofriam cerrada campanha da parte dos republicanos, chefiados por Hercílio Luz, Paula Ramos, Bonifácio Cunha e outros, que tudo faziam por anulá-los politicamente, contando com a grande maioria do eleitorado do município.

À gestão de Faust, embora curta, foi das mais agitadas e perigo-

sas. Coube-lhe a tarefa de preparar as eleições municipais que vieram a realizar-se a 20 de novembro, numa atmosfera de ódios, de desconfianças, de descomedimentos. Os federalistas eram poucos e incompatibilizados com a população. A "Gazeta de Blumenau", que aparecera em 12 de outubro, com a única finalidade de dar combate sem quartel à intendência e ao governo de Eliseu Guilherme, não dava tréguas aos seus adversários, nas poucas semanas que teve de vida. O partido federalista de Blumenau era tratado de "mixed pickles" e aquele jornal, num dos seus números das vésperas das eleições publicava "constas" ressumantes de ironia e de maldade, como êstes: "Consta que houve reunião no partido "mixed-pickles" para a organização da chapa municipal; que, na canoa, entrará o partido todo, porque não é grande; que, se o Faust não quizer entrar, fica-lhe reservada a primeira cadeira que vagar no senado federal. . ."

Antes da realização da eleição, que também a ela concorria como candidato a membro do conselho de intendência, deixou a presidência, passando-a novamente a Guilherme Engelke, conforme já dissemos quando tratamos da administração dêste último.

João Francisco Faust, que nascera em Thuringen, na Saxônia, Alemanha, a 3 de março de 1832, foi dos primeiros colonos de Blumenau, pois aqui imigrou em 1851, com 19 anos de idade. Era carpinteiro de profissão e durante algum tempo trabalhou nêsse ofício. Adquiriu um terreno na Ponta Aguda e naturalizou-se brasileiro, tendo aberto, de-

pois, um negócio de secos e molhados, com exportação de manteiga, açúcar, banha e outros gêneros da colônia, em casa própria, no local em que hoje se encontra a Auto-Mecânica Alfredo Breilkopf, próximo do Clube "América". Casou-se, pela primeira vez, com uma filha do Theis, de Belchior, próximo a Gaspar, da qual teve dois filhos, que vieram a falecer mais tarde, um em São Paulo e outro em São Pedro de Alcântara. Enviuvando, casou-se com Ana Hering, filha de Carlos Hering, que lhe deu oito filhos, dos quais cinco ainda vivem em São Paulo.

Francisco Faust, como seus companheiros de política, teve que pagar caro a sua dedicação ao federalismo. Elesbão Pinto da Luz, no governo do atrabiliário Moreira Cesar, foi preso e fuzilado na fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim. Engelke, Faust e outros de seus companheiros, tiveram de fugir, refugiando-se no mato por várias semanas. Fritz Mueller foi demitido do cargo de naturalista viajante do Museu Nacional.

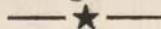
Engelke, como já vimos, foi morrer em Florianópolis e Faust teve que mudar-se para São Paulo, onde meteu-se a plantar café, sendo, porém, mal sucedido nessa empreitada, em virtude da crise por que passou o produto, destruindo grandes fortunas e arruinando fazendeiros abastados. Regressou depois a Blumenau, onde faleceu a 23 de julho de 1917, com 85 anos de idade. Para Faust, como para muitos, antes e depois d'ele, a política foi uma madrasta bem severa.



## ESTANTE DOS "CADERNOS"

★ **IBBD — Boletim Informativo** — Recebemos o volume IV, n. 3/6 do excelente boletim do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação que, como sempre, vem repleto de excelentes artigos e informações relativos à especialidade.

★ **SELLOWIA — ANAIS BOTÂNICOS DO HERBÁRIO "BARBOSA RODRIGUES"** — Recebemos os números 10 e 11, de setembro e outubro do ano passado, dessa interessante revista especializada que se publica sob a direção do sábio botânico, Pe. Raulino Reitz. Com a colaboração de eminentes nomes da ciência, como os de H. P. Veloso, R. Klein, G. Pabst, J. Biloni, R. Reitz, L. B. Smith & Downs, os números que temos sobre a mesa são de grande interesse para os que se dedicam ao estudo da flora catarinense. Muito Bem impressos e fartamente ilustrados. Somos gratos à gentileza dos editores.



**P**OR ato da Câmara municipal de Blumenau, datado de 11 de março de 1812, foi elevado à categoria de distrito de paz, o território da colônia Hansa-Hammônia. O distrito foi instalado a 29 de maio seguinte, tendo, como primeiros juizes de paz, José Deeke e Luís Hedler. Escrivão de paz foi nomeado o sr. Artur Müller.

# FRITZ MÜLLER E DARWIN

HITOSHI NOMURA

Estatístico Marinho  
Serviço de Biologia da Pesca  
Instituto Oceanográfico da U. S. P.

No dia 24 de novembro de 1859 foi publicado por John Murray, em Londres, o livro "**A origem das espécies**", de Charles Robert Darwin, que deu início a uma série de polêmicas verdadeiramente revolucionárias. Na Europa a teoria da seleção natural — que o próprio co-autor dela, Alfred Russel Wallace, teimou em chamá-la de darwinismo — teve grandes cientistas por defensores: Thomaz Henry Huxley na Inglaterra, Ernst Haeckel na Alemanha, Asa Gray nos Estados Unidos. Na América do Sul o único a se manifestar a seu favor foi Fritz Müller. É sobre este último que falaremos a seguir, por se aproximar o centenário do aparecimento de seu "**Pró-Darwin**", publicado em 1864.

Fritz Müller nasceu em Windisholzhausen, perto de Erfurt, no dia 31 de março de 1822. Era seu pai o padre protestante Johannes Friederich Müller e avô paterno o químico J. Bartholemäus Thomsdorff. Aprendeu as primeiras letras na aldeia de Muhlberg e, em 1835, entrou no ginásio de Erfurt, juntamente com seu irmão Hermann. Em vista de sua vocação para a matemática e as ciências naturais, tratou de ingressar nas Universidades de Greifswald e de Berlim, onde defendeu tese sobre "**De hirundinibus circa Berlinum hujusque observatis**", em 1844, com a qual recebeu o título de doutor em filosofia. Teve por mestres os zoólogos Lichtenstein e Erichson, os botânicos Kunth e Hornschuch e o fisiólogo Johannes Müller. De 1845 a 1848 frequentou o curso de medicina de Greifswald, a fim de poder ocupar o cargo de médico de navio que aportasse em países estrangeiros. Mas, na época, a Alemanha estava se revoltando contra a influência do clero e contra as arbitrariedades praticadas pelo governo. O ambiente não era favorável às manifestações do seu gênio e, por isso, a 20 de maio de 1852, Fritz Müller, sua mulher e uma filhinha, seu irmão Augusto e a esposa deste, disseram adeus à Alemanha, quando o navio em que se encontravam, o "Florentin", se afastou do cais de Hamburgo. Na noite do dia 18 de junho ele e seus companheiros desembarcaram na ilha de São Francisco, litoral do Estado de Santa Catarina, então Província. Vieram ao Brasil a fim de se estabelecerem na colônia fundada por Hermann Blumenau, onde chegaram num domingo, 22 de agosto de 1852. No diário da colônia registrou o dr. Blumenau: "Tempo nublado, com vento sul e fortes pancadas de água; o dr. Müller e seus companheiros chegaram".

A princípio Fritz Müller trabalhou como colono. De 1856 a 1867 lecionou matemática no Liceu Provincial de Destêro, atual Florianópolis. Em seguida trabalhou para o governo da Província como naturalista, até 1876 e, deste ano até 1891 foi naturalista-viajante do Museu Nacional do Rio de Janeiro, cargo do qual foi destituído nesse milésimo, após a implantação do regime republicano.

Desde 27 de abril de 1852 era ele casado com Karoline Tollner, nascida no dia 24 de março de 1826 e falecida em 24 de março de 1894, em Blumenau, e desse consórcio teve dez filhos, sendo nove mulheres e um homem, que faleceu no mesmo dia em que nasceu (7 de outubro de 1862).

Fritz Müller, ou melhor, Johann Friederich Theodor Müller, faleceu em Blumenau, Estado de Santa Catarina, no dia 21 de maio de 1897.

Em 1868 a Universidade de Bonn outorgou-lhe o título de Doutor "**honoris causa**" e no diploma colocaram a seguinte inscrição: "**... que cum scientiam zoologicam et botanicam multis iisdemque gravissimis observationibus amplificavit tum disquisitionibus imprimis de evolutione crustacearum in Brasiliae litore institutis doctrinae darwiniae nova gravissimaque adjumenta attulit**".

Em 1874 foi nomeado sócio-correspondente da "Sociedad Zoolojica Argentina"; Doutor "**honoris causa**" pela Universidade de Tübingen em 1874; sócio-correspondente da Sociedad Nacional de Ciencias de Buenos-Ayres em 1884; sócio-honorário da "Entomological Society", de Londres, em 1884.

## SUAS RELAÇÕES COM DARWIN

Pouco tempo depois da publicação do livro de Darwin, intensa troca de cartas teve início entre este e Fritz Müller. Na ocasião o sábio alemão vivia em Destêrro, antiga denominação da atual Florianópolis. A primeira missiva de Müller a Darwin data de Destêrro, Brasil, 12 de agosto de 1865 e a resposta a ela veio de Down-Bromley, Kent S. E., 20 de setembro de 1865.

Antes dessa permuta de observações referentes a diversos aspectos relativos à História Natural — que se prolongou até 1882 — Fritz Müller havia preparado e dado a lume, em 1864, um excelente opúsculo ao qual deu o título de “Für Darwin”, onde reuniu fatos e argumentos a favor da teoria da seleção natural. Depois de ler o livro de Darwin, Müller achou que o melhor meio de apreciar o darwinismo seria aplicá-lo a um certo grupo animal e verificar se ele seria capaz de explicar a descendência dos tipos. A classe animal que ele escolheu foi a dos crustáceos.

Uma sucinta análise desse opúsculo foi feita por Edgard de Roquette-Pinto (1884-1954) e acha-se inserta nos seus “Ensaio brasileiro”, pp. 25-27. Leiamos-la:

“A primeira indicação decisiva encontrada em favor da teoria de Darwin foi, no dizer do autor, a descoberta da forma larval chamada náuplius nos crustáceos superiores (Malacóstracos). Porque, raciocina ele, se os crustáceos são derivados de uma só forma ancestral, todos devem ter passado pela mesma forma embrionária.

O encontro do náuplius do camarão — eis o primeiro fato für Darwin. Talvez não seja inútil lembrar que a larva inicial dos crustáceos superiores era, até então, a forma zoéa. Náuplius era tido como larva dos crustáceos inferiores (Entomóstracos). Hoje sabemos que, nos Malacóstracos, a forma náuplius, em geral, se passa dentro das membranas do ovo; por isso, até Fritz Müller, davam-na como inexistente.

O segundo fato articulado “Pró-Darwin” foi obtido da comparação dos apêndices em crustáceos machos e fêmeas de certos gêneros. São mais desenvolvidos nos machos os quais, além disso, possuem órgãos olfativos muito maiores. No gênero TANAIIS, os machos antes da puberdade, assemelham-se às fêmeas: logo depois metamorfeiam-se e, daí por diante, diz Fritz Müller, parecem viver somente para amar. Interessante, porém, é que então se processa nêles uma diferenciação: em uns desenvolvem-se enormes patas preensoras e aumenta-se o número de filamentos olfativos; em outros conservam-se pequenas as patas, mas os filamentos olfativos crescem de número extraordinariamente. Tanais são facilmente observáveis num vaso de vidro. Apesar de ter examinado muitas centenas de indivíduos, Fritz Müller não encontrou nunca dimorfismo igual nas fêmeas, nem tão pouco formas intermediárias masculinas.

“Para os da velha escola”, diz ele, “a ocorrência de duas formas masculinas seria uma simples curiosidade. Um capricho da criação: machos de mais olfato e machos de patas preensoras (“pinças”).

A seleção darwiniana, aos olhos de Fritz Müller, explica, porém, claramente o caso. Iniciada a variação dos machos, ficaram em presença, pelo desaparecimento dos outros menos aptos, os dois grupos, olfativos e preensores. Entre eles segue a luta que, atualmente, parece estar caminhando para a vitória dos preensores, visto que o naturalista contou cerca de cem deles para um olfativo.

Também na respiração aérea dos crustáceos, que normalmente respiram dentro da água, outros fatos apontou o autor de “Für Darwin”, favoráveis à doutrina.

Comparando a estrutura do coração nos Amphipoda e nos Isopoda, ele observou que o órgão tem forma constante nos Amphipoda, e grandemente variável nos Isopoda, ordens muito próximas. O fenômeno seria facilmente explicado por meio de algumas palavras gregas, diz o mestre. Como, desgraçadamente, esqueceu o grego... procurou outra explicação, na natureza.

Conclui que o coração dos Amphipoda deve ser a forma primitiva.

Mas não é possível, evidentemente, acompanhar todo o célebre livrinho”.

Mais tarde, o próprio Darwin solicitou-lhe permissão para vertê-lo para o inglês e esse pedido consta numa carta datada de 16 de março de 1868. No milésimo seguinte vinha a lume a versão inglesa com o seguinte título: “Facts

and arguments for Darwin", by Fritz Müller; from the German, with additions by the Author; translated by W. S. Dallas, F. L. S., London, John Murray, 1869. Existe tradução francesa feita por Debray no "Bull. scient. Dép. du Nord", em 1883 e tradução portuguesa por Alípio de Miranda Ribeiro na revista "Kosmos", do Rio de Janeiro, nos anos de 1907-08 e os seguintes resumos nas revistas: "Arch. sc. phys. et nat.", Genève, 1865, pp. 154-163; "Bibl. Univ.", 1865, "Bull. scient.", p. 154 e seguintes; "Ann. and Mag. of Nat. Hist.", 1865, XV, pp. 410-416.

Nova versão portuguesa desse famoso opúsculo já está concluída e será publicada em apenso ao livro "Excertos da Natureza", do autor destas linhas.

As informações de caráter botânico e zoológico fornecidas por Müller eram de tão grande importância que um dia êste lhe escreveu: "Heaven knows whether I shall ever live to make use of half the valuable facts you have communicated to me". E, receioso de que essas observações fôsem perdidas ou esquecidas, Darwin lhe escreveu, em outra missiva, o seguinte:

Haredene, Albury, 12 de agosto de 1871.

"Espero que você conserve suas notas e tôdas as suas cartas e um dia ou outro as publique num livro intitulado "Notas de um naturalista do sul do Brasil" ou qualquer coisa desse gênero".

E, como que atendendo a êsse pedido do sábio britânico, posteriormente 44 cartas (27 de Müller e 17 de Darwin), bem como os seus 248 trabalhos anteriormente publicados em diversas revistas e em vários idiomas: alemão, inglês, latim, francês e português, foram reunidos e, juntamente com uma biografia, dados a lume na alentada obra, em cinco volumes, do seu sobrinho Alfred Möller (micologista), com o título de "Fritz Müller: Werke, Briefe und Leben" (Jena, 1915-1921).



**A** "Sangerbund Itajahytaal" (Federação de Cantores do Vale do Itajaí) promove a 7 de março de 1920, grande festa em Itoupava-sêca, reunindo em interessante concurso, 16 sociedades de cantores. A Federação, que exerceu incontestável influência no desenvolvimento cultural da região, em pouco tempo inscrevia mais de vinte sociedades associadas, contando com um ativo de 426 cantores. Posteriormente, foram realizados concursos semelhantes em Indaial, Blumenau, Brusque, Nova Berlin, Timbó, Gaspar e Taquaras.



**N**ESTE mês de março, a 23, está completando mais um ano de elevação a município, o território de Brusque. A sede do município ficou sendo a Vila de São Luís. O novo município deveria reger-se pelo código de posturas de Itajaí, até que elaborasse o seu próprio. Pelo mesmo dispositivo legal (lei n.º 920) foram criados os ofícios de tabelião, escrivão do cível e comercial, orfãos, ausentes e demais anexos, todos em um só.



**F**ALECE, a 24 de março de 1924, em Indaial, o escrivão de paz e chefe político local, Frederico Müller, filho de Augusto Müller e sobrinho do sábio Fritz Müller.



**A** 25 de março de 1927, o Conselho Municipal de Blumenau criou o distrito de Taió, desmembrado do de Bela Aliança, atual Rio do Sul.

# O que dizem de nós

Do nosso prezado amigo, sr. Professor Henrique P. Zimmermann, ilustrado diretor do Instituto Cultural Brasileiro-Germânico, de Curitiba, recebemos a seguinte e honrosa carta, cujos conceitos sobremodo nos desvanecem e que, sinceramente, agradecemos:

“Por iniciativa do nobre amigo, o Instituto Cultural Brasileiro-Germânico, que tenho a honra de dirigir, tem recebido regular e mensalmente a publicação “Blumenau em Cadernos”.

Merece todo o nosso apôio esta iniciativa do amigo de colecionar em cadernos os acontecimentos de caráter histórico que vão se desenvolvendo no grande município catarinense fundado pelo Dr. Hermann Otto Blumenau. É uma obra que deve contar com os aplausos irrestritos de todos aqueles que estimam o seu torrão natal e sua história, integrada na história de seu Estado, de sua Pátria, um gesto que se pode denominar de patriótico. Dizemos patriótico, porque o brasileiro que não conhece a história de sua terra, mesmo que seja aquela relacionada com o que Marcos Konder denominou de “Pequena Pátria” — o torrão natal, desconhece os verdadeiros sentimentos de patriotismo, falecendo-lhe condições para amar a sua terra.

A História do Brasil seria falha se não lhe fossem integradas as histórias das células que formam o conjunto pátrio. Fixados assim, estes fatos não se perderão na poeira dos tempos, com perigo da proliferação de lendas fantásticas que deturpam a verdade e refletem um quadro falso aos olhos das gerações futuras, impossibilitando-as de conhecer a realidade com relação ao seu berço natal. De grande importância, é o seu relato, principalmente se tivermos em vista a destruição do arquivo público do grande município de Blumenau pelo incêndio ocorrido há poucos anos.

Ao dizer o grande município de Blumenau, não me refiro à sua grandeza territorial, aliás retalhada e reduzida para dar lugar à criação de novas células. Grande é Blumenau, porque mesmo reduzido em extensão territorial ainda é o centro irradiador de uma grandeza histórica que ninguém lhe poderá negar nem roubar. Foi ali o berço de uma obra grandiosa, que deu feição nova a uma extensa zona do Estado de Santa Catarina, transformando-a de mata virgem em reduto de alta civilização, de grandeza cultural e econômico-social.

Falando deste desenvolvimento progressivo, relatando fatos e fixando nomes notáveis que dedicaram todos os seus esforços à grandeza deste torrão, os “Cadernos de Blumenau” relatam uma verdadeira história e são uma réplica candente aos escritos que de Blumenau fazem viajantes apressados, fantasiosos e pouco objetivos, baseados em observações superficiais ou resultantes da desconfiança que surge face à existência de uma cidade e de uma zona colonial que, pelo feitio de suas construções, pelo tipo étnico de seus habitantes, mais se assemelha a uma comuna européia do que a uma cidade brasileira. Que estes relatos facciosos criaram problemas graves para Blumenau, é fato comprovado. Por isso mesmo considerados de grande importância devem ser os “Cadernos de Blumenau”, na sua obra de contar os fatos como eles são, como devem ser encarados e como devem ser compreendidos.

Receba pois, caro amigo, os nossos sinceros aplausos pelo seu trabalho e os agradecimentos sinceros do Instituto pela gentileza da remessa mensal dos “Cadernos”.

★

**E**M 1934, a 25 de março, foi instalado o município de Timbó, desmembrado do de Blumenau pelo decreto lei n.º 527, de 28 de fevereiro de 1934. Foi seu primeiro prefeito, nomeado pela interventoria federal, o capitão Ernesto João Nunes, da Fôrça Pública do Estado.

★

**A** 14 de março de 1937, foi instalado o município de Rodeio, desmembrado do de Blumenau e integrado pelos distritos de paz de Rodeio (sede) e de Benedito Novo. Tomou posse o primeiro prefeito Sílvio Scoz.

## **EDUARDO SCHADRACK**



Embora não tivesse tido grande projeção na administração da colônia Blumenau, por ter se dedicado mais aos negócios, Carlos Guilherme Eduardo Schadrack é uma figura bastante interessante no passado da nossa cidade. Nasceu a 14 de setembro de 1815 em Frankfort sobre o Oder e faleceu a 7 de abril de 1899 em Berlim. Teve conhecimento da fundação de Blumenau durante uma viagem ao redor da América do Sul, que o conduziu até a costa ocidental do México. Ao regressar, desembarcou no Chile, fez a travessia do continente, transpondo os Andes e a República Argentina a cavalo. Em Buenos Aires, esteve em negociações com o governo argentino a respeito de concessões de terras para colonização, não tendo, porém, chegado a bom termo as con-

versações. Continuou a viagem via terrestre até Blumenau, onde, pela primeira vez, chegou em 1858.

Voltou à Alemanha e trouxe, em 1861 ou 1862 a sua família para aqui fixar residência. Construiu em 1863 a sua casa, uma das mais antigas da rua 15 de novembro, e que, somente agora foi demolida para dar lugar a um moderno prédio de seis andares. Nessa casa nasceu, em 1866 seu único filho varão, Fernando Schadrack, que, por muitos anos dedicou-se ao comércio de representações e conta própria. Durante vários anos, Eduardo Schadrack exerceu o cargo de 1.º suplente do sub-delegado de polícia da colônia Blumenau, para o qual foi nomeado a 28 de outubro de 1868, pelo vice-presidente em exercício, dr. Carlos de Cerqueira Pinto. Em 1875, voltou, com a família, para a Alemanha, visto que a administração de seus bens, naquele país, necessitava da sua presença.

Arrendada a sua casa, nela moraram, sucessivamente, as famílias de Henrique Avé Lallemand, Frederico von Ockel e o dr. Hercílio Pedro da Luz, que, mais tarde, foi governador do Estado por duas vezes. O nosso inesquecível conterrâneo, dr. Amadeu Felipe da Luz, juiz de direito da comarca, tão prematuramente roubado ao nosso convívio, nasceu nessa casa. Schadrack aportou novamente em Blumenau em 1886. Fez, então, o loteamento de um terreno de sua propriedade, compreendido no primeiro trecho da rua 4 de fevereiro atual, isto é, entre as ruas 15 de novembro e 7 de setembro. Era grande entusiasta de plan-

tas raras, com as quais ornamentou os jardins em redor de sua casa. Várias espécies, árvores e flôres exóticas perduraram por muitos anos, mesmo depois que seu filho, Fernando, casou-se e aqui se estabeleceu, povoando os velhos jardins de uma ninhada de netos, que ainda continuam prestando bons serviços a Blumenau. Lamentavelmente, na última grande guerra os bombardeios aéreos destruíram grande parte da documentação existente em poder da família, de sorte que os dados relativos à existência de Eduardo Schadrack são escassos. Sabe-se que procurou intervir na administração da colônia, elaborando um projeto de estatutos pelos quais a mesma se deveria reger. Esse projeto, que data de 1867, foi apresentado em virtude de solicitação do dr. Blumenau, ou melhor, de edital em que êste convidava todos os colonos para elegerem uma comissão de seis pessoas, que elaborassem um regulamento, nos moldes do que existia na colônia Dona Francisca. O projeto, porém, não agradou ao dr. Blumenau que lhe apontou os defeitos e deficiências em officio dirigido ao presidente da província. Mas, segundo se deduz dos próprios termos do officio, havia muita coisa boa e interessante no projeto de Schadrack. Quando chegou a Blumenau, Schadrack era já homem de regular fortuna, pois além de ter adquirido várias áreas de terras, socorria os colonos necessitados de dinheiro para os seus negócios.



ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

**Aconteceu...**

### Christiana Deeke **BARRETO**

#### NOVEMBRO DE 1959

1º — O padre Francisco de Sales Bianchini, conhecido orador sacro, vem a Blumenau a convite da UBE (União Blumenauense de Estudantes), para pronunciar duas conferências sob os temas: "o papel do estudante" e "problemas vitais do estudante". Na sede da UBE procede-se à entronização do crucifixo.

3 — Chega a notícia do falecimento de prestigioso comerciante na nossa cidade, ocorrido em São Paulo, Sr. Fritz Henschke, diretor da "Gráfica 43". O corpo é trasladado para esta cidade, onde é dado à sepultura com grande acompanhamento.

6 — Parte uma caravana de blumenauenses para Brasília, integrantes de uma excursão organizada por um escritório paulista de turismo. Segue em um avião DC-3 da Varig. Do programa cons-

ta, além da visita à Brasília, outra a Goiânia e diversas cidades goianas.

— O cônsul alemão para os Estados do Paraná e Santa Catarina, dr. Rudolf Rabe, faz uma visita de cortezia ao Prefeito Municipal, em seu gabinete de trabalho, fazendo-se acompanhar do sr. Paul Koch, vice-cônsul alemão em Blumenau e do sr. Leopoldo Richter, adido comercial do consulado em Curitiba. S. S. que se acha em inspeção aos vice-consulados sob sua direção, demora-se alguns dias em Blumenau mantendo contato com a imprensa e assistindo festividades.

— Falece a exma. sra. Tereza Carvalho, progenitora do dr. Paulo Carvalho, especialista em doenças do coração e catedrático de psicologia da Escola Normal.

7 — No palco do Cine Busch apresenta-se o cantor nacional Carlos Augusto.

— Com loja aberta à Travessa Pôrto Alegre, inaugura-se a casa de tintas e esmaltes de Hugo Petersen, "Casa Esmalte".

8 — De passagem para Pôrto Alegre, altos dirigentes da Chímica Bayer do Brasil estiveram em nossa cidade, seguindo na frota de jipes destinada à filial da capital gaucha.

— A "Sociedade das Senhoras Evangélicas" da nossa cidade realiza o seu bazar anual, no teatro Carlos Gomes, em benefício da maternidade "Elsbeth Koehler", mantida pela entidade. Consta a festa das atrações costumeiras, comparecendo grande número de interessados na compra dos belos bordados e outros objetos e peças trabalhadas pelos membros daquela sociedade.

10 — Assinalando a data do bicentenário de nascimento do clássico alemão Friedrich von Schiller, é realizado um festival comemorativo no Teatro Carlos Gomes, com um programa variado de representação parcial de suas obras dramáticas e declamação de poesias, realçando-se a do impressionante poema "Canção dos sinos", proferido conjuntamente pelos artistas Berta Slemmer e Willy Rummel e o jovem amador Bernd Unger e o sr. Georg Karbeck, que interpretam, também, os personagens das peças dramáticas "Maria Stuart" e "Guilherme Tell", "Intriga e Amor", "Dom Carlos" etc. Colabora o coro masculino do teatro com a "Canção da cavalaria de Wallenstein" e o corpo de bailados do Conservatório Curt Hering, com a "Dansa das Musas". O sr. Willy Unger, após alocução no vernáculo, que deu início ao festival, proferiu um discurso sobre a vida e obra de Schiller, esta já traduzida em 28 idiomas.

10 — A Câmara Municipal presta homenagem à memória do gênio mundial da poesia, Frederich von Schiller, discursando o vereador Dr. Bernardo Werner. Na mesma sessão o vereador Abel dos Santos requer um voto de pesar pelo falecimento do facultativo Odilon Gallotti, ocorrido no Rio.

12 — Publica-se a suspensão do registro e emplacamento de bicicletas, a partir de 1960.

13 — Na reunião da COMAP, deste dia, é procedido o tabelamento da carne verde, vendida, até agora, sem preço oficialmente estipulado, mais alto do que o fixado agora pela comissão de controle: Carne de 1.<sup>a</sup>, com osso e 20% de contra-pêso Cr\$ 74,00, por quilo; 2.<sup>a</sup> — Cr\$ 64,00; 3.<sup>a</sup> — 50,00, sempre com 20% de contra-pêso. Carne moída, 70,00.

14 — A UBE realiza, no "Ipiranga", Itoupava-Sêca, um grande baile em homenagem à rainha da União Catarinense de Estudantes Secundários, srta. Janette Dressel.

— O Tabajara Tênis Clube realiza o baile de gala do ano, na data do aniversário da sua fundação.

— O pintor Pedro Kusterko inaugura outra exposição de suas aquarelas típicas em nossa cidade.

15 — Visitam esta cidade os candidatos da União Democrática Nacional à presidência e vice-presidência da República, srs. Jânio Quadros e Leandro Maciel. Após recepção na ponte "Lauro Mueller", os visitantes dirigem-se em cortêjo, à casa de residência do Secretário da Fazenda, sr. Hercílio Deeke, onde lhes é servido um aperitivo. Depois do almoço no "Tabajara Tênis Clube", concedem os candidatos uma entrevista coletiva à imprensa e rádio, no Clube Náutico "América". À tarde a caravana seguiu para Itajaí.

— O lançamento da pedra fundamental da torre e escadaria de acesso na imponente matriz, para cuja solenidade foi elaborado um programa com discursos, declamações e canto, além da bênção litúrgica e das simbólicas "marteladas" dos paraninfos e benfeitores — é motivo de grande festa popular no páteo da igreja, à qual comparece enorme massa popular para concorrer para a conclusão das obras do monumento arquitetônico que representa esta bela igreja católica, de linhas sóbrias, em estilo moderno, na parte central da cidade.

— O novo prédio da "Casa Peiter", em vias de conclusão, é local da 18.<sup>a</sup> Exposição de Orquídeas, patrocinada pelo círculo de Orquidófilos Blumenauenses. Na votação popular, obtiveram classi-

ficação os srs. Ravache, Hoffmann e Alfredo Kaestner, enquanto a classificação profissional foi de cada espécie, das muitas apresentadas, por grande número de expo-sitores.

— Está em visita à cidade o Cônsul Geral dos Países Baixos que, entre outras visitas, percorre a exposição de orquídeas, mostrando-se entusiasmado com o que viu.

15 — A Indústria e Comércio Rex-Neon Ltda. inaugura, em nossa cidade, o primeiro jornal luminoso do Estado, instalado nos altos do edifício Buerger-Lenzi, que funciona tôdas as noites, das 20 às 22 horas. Dispõe de painel de 21 metros de comprimento por 1,60 de altura, com 1560 lâmpadas por face, possuindo a combinação de 5.000 letras e aparelho-chave de 1860 contatos.

21 — Visita a nossa cidade o aplaudido artista cômico de palco e rádio, bem como do cinema nacional, o "Pituca" (Manoel Alves Siqueira), que regressa de uma estada em Florianópolis, sua terra natal.

— A "L. P. GÁS" inaugura as modernas instalações do seu pósto de engarrafamento à rua Itajaí. Vários oradores enaltecem a iniciativa, inclusive o sr. prefeito municipal, que corta a fita simbólica. A bênção religiosa é procedida por frei Gilberto, assistindo ao ato o pastor evangélico, rev. Rolf Duebbers, que profere uma oração, recomendando o trabalho produtivo do homem, pelo bem da coletividade, à Providência Divina.

— Assume o cargo de chefe da

Diretoria de Obras Públicas (DOP) da Prefeitura Municipal, o dr. João Maria de Oliveira, natural de Florianópolis.

25 — Dia de Santa Catarina. Não há expediente nas repartições públicas, por ser feriado estadual.

27 — O Comando do 23.º RI. manda celebrar missa na matriz local em intenção das almas dos mortos na intentona comunista de 1937. Compareceram ao ato as autoridades locais e muitos outros fiéis.

26 — O assunto do dia é a renúncia do sr. Jânio Quadros à sua candidatura à presidência da República.

— Fallece, a 25, a exma. sra. Benícia B. Rocha Coutinho, espôsa do sr. Teopompo Rocha Coutinho, alto funcionário da Companhia Grossenbacher.

29 — Como todos os anos, por esta época, o Itajaí exige o seu tributo. Desta vez, perece afogado o menor de 16 anos, João Cesar de Souza, de Ponta Aguda, cujo corpo é encontrado na tarde de 1.º de dezembro, nas imediações de Belchior.

— Em dia dêste mês, ocorre o falecimento, em Badenfurth, do sr. Victor Lucas, membro de tradicional família blumenauense, descendente de um dos primeiros colonizadores do vale do Itajaí.

— O Lions Clube acaba de colocar mais um abrigo de passageiros, em ponto de parada de ônibus, à rua São Paulo, com a cooperação da Prefeitura Municipal, através do seu DOP. É êste o 5.º abrigo instalado por aquela instituição.

## Retificação

Com referência à coluna FIGURAS DO PASSADO, do nosso número de fevereiro do corrente ano (n.º 2 do Tomo III) comunicamos aos nossos prezados leitores que se verificou uma incorreção na publicação da biografia de MAX MAYR, pedindo-lhes anotar o seguinte: Onde se lê: "difícilmente cristã, e além disso, católica", LEIA-SE: "difícilmente teria sido aceita no seio de uma família tradicionalmente cristã, e além disso, católica".

No mesmo artigo, de autoria do nosso brilhante conterrâneo, dr. Danilo Mayr, escaparam à revisão outros senões de fácil correção por parte dos nossos leitores.

# «SAMARCO»

S. A. Marítima e Comercial

**ITAJAÍ**

**BLUMENAU**

Despachos, Navegação, Representações  
Contra própria

Agentes e Representantes de:

**HAMBURG - SUEDAMERICANISCHE DAMPSCHIFF-FAHRTS GESELISCHAFT**, de Hamburgo — Serviço regular de cargas e passageiros entre Itajaí e os portos alemães, holandeses e belgas, com os modernos navios "Babitionia", "Burg Spangenberg" "Belgrano".

**BRODIN-LINE, STOCKHOLMO** — Serviço rápido semanal de cargas entre Itajaí e os portos norte-americanos Baltimore, Philadelphia, New York e Boston e os portos de Montevideo e Buenos Aires com os modernos navios "Lia", "Yvonne", "Itajaí", "Paranaguá", "Antonina", "Ilhéus" e os navios da

**SVENSKA ORIENT LINIEN, GOTENBURGO**: "Sagoland", "Skogaland" e de outras linhas suecas.

**ROTTERDAM—ZUID—AMERICA LIJN, ROTTERDAM**

**CIA. NACIONAL DE NAVEGAÇÃO COSTEIRA, Rio de Janeiro** — Serviço de carga entre Itajaí ao Rio de Janeiro e os portos do Norte do País.

Representa ainda as seguintes firmas:

**THEODOR WILLE**, Hamburgo — **WESSEL, DUWAL & CO. INC.**, New-York, B. T. **BABBIT INC.** New-York; **LIVONIUS & CIA.** Blumenau. Distribuidores dos afamados produtos "JEEPS" para o Estado de Santa Catarina da **WILLYS OVERLAND EXPORT CORPORATION**, Toledo, Ohio, U.S.A., **KAYSER-FRAZER** e **WILLYS OVERLAND DO BRASIL S/A** — São Paulo.

**ITAJAÍ**

Rua Cel. Eugênio Mueller, 53  
Caixa postal, 66  
Telefones: 380/213

**BLUMENAU**

Rua Quinze, 1405/1393  
Caixa postal, 590  
Telefone: 1284 A. B. C.

**FÁBRICA DE TECIDOS**  
**CARLOS RENAUX S. A.**

Telegramas: **TECIDOS**

**FIAÇÃO**

**TECELAGEM**

**TINTURARIA**

**FECULARIAS**

**DESPACHOS**

**NAVEGAÇÃO**

**LOJAS**

**Tecidos de alta qualidade**  
**Côres firmes**

**BRUSQUE**

**SANTA CATARINA**

**BRASIL**